EDITORIAL

Não deixará de constituir uma revelação para alguns o artigo com que abrimos este volume. Habituados que porventura estejam a tomar por objecto de estudo sociológico colectivos sociais, ainda que de diferentes ordens de grandeza, deparam-se com a perspectiva de Bernard Lahire que defende e pratica "uma sociologia à escala individual". Reexaminando o conceito de disposição, tal como foi utilizado por Pierre Bourdieu, Bernard Lahire propõe uma sociologia da pluralidade disposicional para a compreensão das variações inter e intra-individuais, no pressuposto de que a diferentes contextos estão associadas disposições e acções também diferentes, quando não contraditórias.

É igualmente de disposições, incorporadas ou a incorporar, que trata o artigo de João Teixeira Lopes. O autor apresenta uma reflexão crítica acerca da "violência simbólica", em seu entender praticada sobre os novos públicos da cultura, a quem são dirigidos os "novos manuais de civilidade". Elaborados com o intuito de colmatar défices de capital cultural, tais manuais pretenderão, nas palavras do autor, "domesticar" arbitrariamente os *habitus* dos agentes sociais pouco familiarizados com os "mundos da cultura", sem atender devidamente aos constrangimentos institucionais da produção e aos contextos de recepção.

José Machado Pais problematiza o conceito de cidadania e considera as dificuldades da sua operacionalização, nomeadamente quando projectado para o universo plural dos jovens e convocado para a formulação de políticas de juventude. Conceitos como os de *grounded policies* e de "cidadania participada" — que atendam às especificidades e diversidades — são avançados por Machado Pais como modo de internalizar e reconhecer direitos dos jovens e de, com e para eles, desenhar "mapas de futuro". As problemáticas ligadas aos jovens estão ainda presentes num outro artigo, o de Maria João Leote de Carvalho, que estudou trajectórias de desvio e delinquência juvenil. Analisando processos e biografias de jovens institucionalizados, a autora constata a forte associação existente entre as suas trajectórias e contextos familiares instáveis, de pobreza e de exclusão, tanto a montante como a jusante dos respectivos percursos de vida.

O artigo de Adelino Gomes constitui um contributo importante para o conhecimento do que são os "antecedentes clássicos" da sociologia portuguesa, na expressão de Fernando Luís Machado a que Adelino Gomes faz referência. Focando as décadas de 50 e 60 do século passado, mostra como na génese da institucionalização da sociologia em Portugal se encontram os movimentos católicos e os primeiros estudos sobre a situação universitária daquela época.

Este número encerra com um ensaio de António Pedro Dores, a propósito da obra de António Damásio, e uma nota de pesquisa de Susana da Cruz Martins, a qual, através da utilização de diversos indicadores socioeducacionais, evidencia os actuais défices educativos de Portugal no contexto da União Europeia.

Maria das Dores Guerreiro